

## Como cheguei a professor de música

Lembro tantas vezes um encontro ocasional com o dr. Borges. Padre muito respeitado e acarinhado por todos aqueles que tiveram o privilégio de o conhecer. A ele lhe devo a gratidão de ser professor durante parte da minha vida.

Saí de Lisboa em maio de 1972 com a promessa de um emprego em Vila Real que, entretanto, não se concretizava. Em 9 de outubro, subindo eu a Avenida Carvalho Araújo confronto-me com o dr. Borges. Com o seu ar reluzente e amigo pergunta-me: “então rapaz, o que fazes?” Olhando para a sua corpulenta figura respondo-lhe a medo:” Estou desempregado e aguardo que me chamem para um emprego que me foi prometido em Lisboa...” com olhar pleno de bondade interrompe-me docemente:” ouve lá, tu não andaste no Conservatório de Música?” Respondi que sim e que tinha quase acabado o curso...Triunfante, propõe-me: ”tu não queres ser professor de música em Vila Pouca de Aguiar?” Respondi incrédulo: “Eu, professor?”

Em poucos minutos, o dr. Borges escreve uma carta de recomendação para a entregar em mão ao sr. diretor Armando Sarmiento. Era bom demais o que acabara de ouvir. Ser professor era qualquer coisa que eu considerava como impossível de conseguir...esta possibilidade, senti-a como um deslumbramento porque o professor tinha um estatuto distinto na sociedade. Era respeitado pelas pessoas que lhes faziam uma vénia à sua passagem. Os homens, invariavelmente, tiravam-lhe o chapéu. As palavras do padre tenho-as dentro de mim como um beijo temperado- terno e fraterno. Fiquei-lhe imensamente agradecido usando expressões inacabadas pela emoção incontida e forte. A serenidade do rosto não a esquecerei nunca. Senti aquela manhã linda, aspirando nela o hálito das plantas de modo diferente, despertando-me para o olhar de algumas aves que se despediam das ramagens em estridentes sons de felicidade e liberdade.

Apresso-me a avisar o meu irmão Mário para me dar boleia ao que se junta a minha irmã Eva. Num mini vermelho em alargados pneus radiais, voamos a toda a velocidade, roncando e fumegando o minúsculo veículo bem no alto da Samardã. Já em Vila Pouca pergunto pelo sr. diretor Sarmiento e dizem-me que àquela hora (2 da tarde...) deve estar no café Tão, na tertúlia de um bom convívio. Interrogo-me surpreendido: “um diretor de uma escola no café, misturado com o povo?”

Entrei e indicaram-me a pessoa que avidamente fumava um cigarro. Toco-lhe ao de leve nas costas ao mesmo tempo que lhe entrego a carta imaculada e branca. Depois de a ler olha-me de sorriso aberto e diz-me: “estava mesmo à sua espera, pois ainda não tinha professor de música...”

Entusiasmado, convida-me para me apresentar as instalações da escola. Ao entrar na sala de música sinto a sedução do prazer quando prendo o olhar nos xilofones e nos

vários tipos de campainhas. Pensei: “é aqui que eu vou partilhar os meus conhecimentos e a minha paixão pela música com os alunos...”

O diretor, gesticulando-se, fala-me com entusiasmo e eu aproveito para acariciar alguns instrumentos musicais e algum material de trabalho como o giz, o apagador, o quadro preto pautado, as cadeiras...

Cá fora, os meus irmãos esperam-me acima do edifício que dá para a estrada de Campo de Jales. Antes de me dirigir a eles, olho a natureza e vejo-a límpida e calma, sentindo agora a vida diferente num coração tranquilo que repousa. A hora é de agradecimento a Deus por me ter proporcionado aquele encontro com o dr. Borges. Lá do alto vislumbro o vale de Vila Pouca imaginando as aldeias com crianças felizes brincando e correndo...ao longe, o fumo sai dos telhados e nuvens irrequietas fogem em várias direções. ***O vale está adormecido e o gado pachorrento pasta, povoando a solidão do horizonte que o banha.***

O dia 10 é o meu primeiro dia como professor. Tenho a minha primeira turma às oito e meia. Na sala os alunos olham-me com sorrisos iluminados e serenos. Lembro-me da canção que apresentei “os sinos da minha aldeia, de Joel Canhão”, e o modo inebriante como a cantaram. A melodia era uma linha fina modelada de juventude e embrulhada em ondulantes vibrações de uma afetividade cúmplice. As vozes eram imbuídas de pureza, brancas e transparentes.

Não tenho dúvidas: aquela 1ª aula foi uma lição de alegria coletiva. Em tantas instituições que lecionei, os cinco anos em Vila Pouca de Aguiar foram os melhores da minha carreira porque a boa relação com os colegas e a educação esmerada dos alunos, iluminaram a minha consciência, empurrando-me para uma vida assente nos pilares do amor, da compreensão e da tolerância para com as pessoas sem exceção.

Durante a minha vida pautei-me por esses princípios. Consciencializo que valeu a pena a devoção pelo ensino visando o aluno em constante crescimento e transformação. Ser professor é ter nas mãos o mundo de amanhã...***ao Dr. Borges, o meu eterno obrigado. Aquele encontro, não foi fortuito. Aconteceu por uma inspiração arrastada por uma luz que ainda hoje a procuro...***

E em cada outono, sinto-a mais viva e mais perto.